



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 2, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

**EIXO 2 - EDUCAÇÃO E INCLUSÃO. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS.
POLÍTICAS AFIRMATIVAS. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS.
EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS. EDUCAÇÃO PARA A PAZ.**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://doi.org/10.29380/2020.14.02.05>

Recebido em: **04/09/2020**

Aprovado em: **05/09/2020**

A Importância da Pedagogia Hospitalar e da Brinquedoteca; La Importancia De La Pedagogía Hospitalaria y la Ludoteca; The Importance of Hospital Pedagogy and the Playroom

ANA RAIANE DOS SANTOS

<http://orcid.org/0000-0002-9038-5498>

KEILLA DE JESUS ANDRADE

LUIZA TAINARA DE JESUS CARVALHO

<https://orcid.org/0000-0002-8353-7844>

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar de forma crítica e pedagógica a falta da atuação do pedagogo no ambiente hospitalar e como a ausência dele pode influenciar negativamente o processo de cura do paciente. Assim, escolheram-se as cidades de Aracaju, Lagarto e Itabaiana, todas do estado de Sergipe, como fonte de estudo, apontando as necessidades que são passadas despercebidas pela população por falta de conhecimento sobre seus direitos que, por sua vez, estão previstos em lei. Para isso, buscou-se amparo na revisão bibliográfica e na pesquisa de campo quantitativa, além da análise de dados, a fim de examinar a importância e o desenvolvimento de atividades por meio da brinquedoteca e de sua cooperação para crianças e adolescentes internados.

Palavras chave: Pedagogia Hospitalar. Direitos. Crianças e adolescente. Educação. Pedagogo

ABSTRACT

The present article aims to analyze, in a critical and pedagogical way, the absence of educator's performance in the hospital environment and how his lack can influence negatively patient's cure process. So, have selected the cities: Aracaju, Lagarto and Itabaiana, all in Sergipe, as study source, identifying the unnoticed necessities, due to the population's lack of knowledge about their rights, foreseen by law. For this, have searched support in bibliographic review and in quantitative field research, as well as, in order to examine the importance and development of activity through the playroom and its cooperation for hospitalized children and teenagers.

Keywords: Pedagogy; Hospital; Rights; Children and Teenagers; Education; Educator

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo analizar de forma crítica y pedagógica la falta de actuación del pedagogo en el ambiente hospitalario y cómo la ausencia de él puede influir negativamente en el proceso de curación del paciente. Así, se eligieron las ciudades de Aracaju, Lagarto e Itabaiana, todas del estado de Sergipe, como fuente de estudio, señalando las necesidades que son ignoradas por la población por el desconocimiento de sus derechos, los cuales, a su vez, están previstos en ley. Para ello, se buscó apoyo en la revisión bibliográfica y en la investigación de campo cuantitativo, además del análisis de datos, a fin de examinar la importancia y el desarrollo de actividades por medio de la ludoteca y de su cooperación para niños y adolescentes internados.

Palabras clave: Pedagogía Hospitalario. Derechos. Niños y Jóvenes. Educación. Pedagogo.

1 INTRODUÇÃO

A principal motivação que sustenta o presente artigo reside na importância que o tema possui para a sociedade contemporânea, uma vez que é indispensável dar continuidade ao processo de ensino das crianças e adolescentes hospitalizados, visando os benefícios das atividades lúdicas no ambiente hospitalar, abrindo espaço para o pedagogo atuar com recursos que possibilitam ao enfermo o resgate de sua vida.

Pretende-se compreender a possibilidade de aprendizagem na brinquedoteca hospitalar e de como um educador pode amparar o paciente nesse campo, de modo que ele não perca o contato com a educação formal, por meio de estímulos motivacionais que ajudam tanto o desenvolvimento físico e mental do enfermo como o melhoramento do seu quadro clínico.

Sabe-se que o cérebro humano é moldável aos estímulos do ambiente, desta maneira, o profissional da educação, simultaneamente com os recursos necessários, a exemplo da brinquedoteca, é um grande aliado para o trabalho dos médicos, principalmente para ajudar o enfermo a lidar com as reações emocionais, tal como as condutas agressivas, visto que a equipe médica é capacitada para cuidar especificamente da doença. Por meio da implementação de uma sala adaptada para receber as crianças e adolescentes, com métodos avaliativos, atividades recreativas com fins educacionais, a esfera hospitalar deixa de ser um espaço desconhecido, que causa insegurança, e passa a ser um meio conhecido em que o internado pode obter segurança e suavização do estresse causado pelo tratamento e distanciamento do ambiente social – estes que também prejudica o aprendizado. Além disto, eles aprendem a transverter o olhar de modo positivo para enfrentar o período de enfermidade que se encontram e a retomar as interações com outros pacientes, profissionais e até mesmo com os pais ou responsáveis, proporcionando comutações entre eles sobre as vivências dentro e fora do hospital, ocasionando diversos benefícios mentais e, conseqüentemente, físicos, de modo a tornar a experiência hospitalar menos traumática possível.

No tocante à metodologia, aplicaram-se a pesquisa de campo a exploratória e a explicativa, por meio da investigação da ausência do pedagogo no ambiente hospitalar; além da bibliográfica, por intermédio de livros impressos, artigos científicos e pesquisas online. Nesse seguimento, a pesquisa de campo e bibliográfica se encontram fundamentadas teoricamente nas contribuições de alguns autores, sendo eles Cardoso (1995); Ceccim e Carvalho (1997); Matos e Muggiati (2001) e Cunha (1994, 2007).

No que diz respeito aos procedimentos da pesquisa, realizou-se um estudo preliminar sobre a pedagogia hospitalar e a brinquedoteca, cujo objetivo foi familiarizar-se com o tema. Com isso, buscou-se compreender a primordialidade do lúdico com base no brincar e identificar suas contribuições para crianças e adolescentes em leitos hospitalares. Na sequência, realizou-se, por meio da pesquisa bibliográfica, um estudo sobre a história da pedagogia hospitalar, na qual ressalta a legislação vigente, visando garantir o direito ao atendimento pedagógico educacional a crianças e adolescentes.

Para a obtenção dos resultados realizou-se uma pesquisa de forma exploratória, em dois hospitais de Aracaju, a saber, o Hospital Universitário de Sergipe (HUSE) e o Hospital Cirurgia; Na pesquisa de campo, utilizou-se de entrevistas, com o auxílio de pesquisas bibliográficas.

2 A PEDAGOGIA HOSPITALAR: UM DIREITO DE TODOS

O atendimento pedagógico hospitalar está previsto em lei, porém é necessário entender que essa prática ainda não é presente em todos os hospitais, mesmo sendo direito obrigatório. A Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018, traz, em seu artigo 4, a seguinte afirmativa:

É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa. (BRASIL, 2018)

Destarte, a reflexão acerca da pedagogia hospitalar se trata de transferir o ensino e a aprendizagem a crianças e adolescentes impedidos de frequentar o educandário por motivos de saúde, tendo como finalidade garantir que eles não sejam prejudicados nos estudos. Além do mais, ampliar o espaço da sala de aula, gerando diversos outros benefícios para os envolvidos no transcurso da hospitalização, é fundamental para o desenvolvimento deles.

A pedagogia hospitalar no Brasil é reconhecida através da legislação para a criança e adolescente hospitalizados, por meio da resolução nº 41/95. Dessa forma, de acordo com Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), as crianças e adolescentes têm “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar” (CONANDA, 1995). Com isso, assegura-se que a pedagogia hospitalar não somente é primordial para o desenvolvimento dos internados, como também faz parte dos direitos deles previstos em lei.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 9.394/96) também reforça o direito ao atendimento educacional em hospitais, quando expressa, no parágrafo 2º, do artigo 58, que:

O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. (BRASIL, 1996)

Tal assertiva evidencia o direito que a criança e o adolescente tem de dar continuidade aos seus estudos, mesmos em condições que não permitem a sua ida à escola; quer isto dizer que o ensino deve, por obrigação, ir até o aluno, inclusive quando este se encontra hospitalizado.

Apesar de o direito à brinquedoteca ser assegurado em lei, é bastante comum encontrar hospitais que não atendem a esse critério ou que enfrentam muita dificuldade na implementação, o que ocorre no caso que será relatado adiante no presente artigo. Isso mostra não somente a falta de criação de um ambiente necessário, como também o pouco caso feito, quando se refere aos direitos da criança e do adolescente. Vale ainda ressaltar que tais direitos são fundamentais não só no processo de desenvolvimento pedagógico, mas no aceleração da cura dos pacientes.

Apesar de sua importância, a pedagogia hospitalar só ganhou mais ensejo devido à Resolução CNE/CP Nº1, de 15 de maio de 2006, uma vez que, antes disso, os pedagogos só exerciam sua profissão através da educação formal.

3 A IMPORTÂNCIA DA INTER-RELAÇÃO ESCOLA E HOSPITAL

Uma veracidade existente e comum é que todo ser humano está sujeito às enfermidades. Muitas delas provocam no indivíduo a sua separação do meio social e a interrupção da sua rotina diária, com vista a buscar o tratamento adequado para sua doença. Desse modo, é comum olhar o paciente como apenas alguém em busca de um tratamento médico. No entanto, esse olhar deve ser superado ou, ao menos, ampliado por uma visão de paciente para além do tratamento médico, isto é, como um indivíduo que possui direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura, como prevista nas diretrizes curriculares.

O método de hospitalização causa estresse, ansiedade e sofrimento físico devido à doença; além disso, os procedimentos médicos e a rotina hospitalar são desgastantes para o enfermo. Sendo assim, torna-se fundamental a interligação entre a pedagogia especial e o hospital para que trabalhem juntos com o intuito da melhoria do paciente. Dessa forma, a brinquedoteca, por meio de metodologia de aprendizagem no hospital, surge como um poderoso recurso que possibilita à criança e ao adolescente o resgate de sua vida e da continuidade de sua aprendizagem.

É primordial salientar as contribuições da brincadeira e da ludicidade para o desenvolvimento pessoal – que pode se encontrar fragilizado em decorrência da doença – e os benefícios que elas podem proporcionar ao enfermo, já que se encontra em uma esfera restrita, limitada, cheia de regras e que o impossibilita de atuar da mesma forma que atuava antes da doença. Os métodos lúdicos, no âmbito hospitalar, são instrumentos de intervenção utilizados de maneira que a criança ou o adolescente construa estratégias de enfrentamento em relação à doença, à hospitalização, à comunicação e à resolução de conflitos.

A brinquedoteca hospitalar é um espaço no hospital que possui brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças (ou adolescentes) e seus acompanhantes a brincarem no sentido mais amplo possível. Ela deve promover o brincar e a ludicidade às crianças e aos adolescentes hospitalizados, nos seus leitos ou em espaços físicos apropriados às atividades, consentindo, assim, que eles pratiquem atividades de aspectos sensoriais, motores, perceptivos, afetivos e sociais.

Vale destacar que o hospital é um espaço de reabilitação da saúde e também educativo. Sendo assim, a educação de forma estratégica no hospital age como um poderoso recurso que possibilita à criança e ao adolescente melhorar o seu estado psicológico, como também o seu quadro clínico, contribuindo para o seguimento da sua aprendizagem. A pedagogia hospitalar coadunada com a brinquedoteca não serve somente para desligá-los do espaço clínico, garante, sobretudo, o direito fundamental da infância e da adolescência ao lazer, ao afeto e à aprendizagem.

A educação na classe hospitalar não se trata apenas em preparar o paciente/aluno para o retorno à escola, para o prosseguimento dos estudos regulares, mas objetiva também a completa reintegração do aluno enquanto sujeito que necessita de cuidados especiais.

4 O MUNDO COLORIDO DA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

É primordial, antes da construção e instalação da brinquedoteca, se ater a qual imagem ela deve ter em quesito de estrutura física e projeto arquitetônico, isto é, a brinquedoteca deve ser um espaço pensado essencialmente no lúdico, cumprindo a sua importância da qual muito já se tratou nesse trabalho.

De acordo com Cunha (2007, p. 12):

Os brinquedos são parceiros silenciosos que desafiam a criança

possibilitando descobertas e estimulando a auto-expressão (sic). É preciso haver tempo para eles, e espaço que assegure o sossego suficiente para que a criança brinque e solte a sua imaginação, inventando, sem medo de desgostar alguém ou de ser punida. Onde possa brincar com seriedade.

Sendo assim, pode-se destacar um dos elementos mais importantes nesse espaço de aprendizado: os brinquedos. Estes podem ajudar no processo de tratamento das doenças, já que estimulam o desenvolvimento cognitivo, e podem ser usados até mesmo durante a realização de exames.

Quanto às paredes da brinquedoteca, elas devem ser coloridas e atraentes aos olhos dos convidados, neutralizando a imagem fria e sem cores que o restante do hospital tem, uma vez que o ambiente colorido transmite harmonia e um sentido de descontração.

O espaço da brinquedoteca acaba se tornando, então, um lugar de imaginação, alegria e criatividade, o qual se torna ambiente predileto dos adolescentes, sobretudo, das crianças. Nesse espaço lúdico, eles têm a oportunidade de brincar de faz de conta, ler histórias e interagir com outras crianças e outros adolescentes.

Vale lembrar que a brinquedoteca tem importância também para os pedagogos, uma vez que eles se sentem em um ambiente acolhedor e que é de seu conhecimento, o que proporciona uma melhor interação com os pacientes. É preciso, no entanto, que se tenha um profissional ou pessoa responsável por levar os internados até a brinquedoteca, já que muitos deles não conseguem se locomover sozinhos. Além disso, é indispensável levar em conta a vontade da criança ou do adolescente em ir até o local, sendo que isso interfere no prazer em estar tendo contato com universo pedagógico.

É válido ressaltar que a sala adaptada para a brinquedoteca hospitalar precisa atender as necessidades de todos, ou seja, precisa ser acessível, estar sempre limpa, além de ter brinquedos que não sejam nocivos. Ademais, é fundamental que o espaço seja dividido para atender tanto à criança como ao adolescente, estando direcionado aos interesses dos dois.

De acordo com Bezerra (2018):

É importante que esses pacientes possam se envolver em processos de aprendizagem, socialização, interação. Isso melhora o ânimo durante o internamento, processo difícil no qual a pessoa passa por procedimentos dolorosos, invasivos, fica numa condição muito passiva em relação às determinações médicas. As atividades pedagógicas fazem com que os pacientes se sintam importantes.

Pode-se dizer, então, que a interação neutraliza o sofrimento dos internos, sofrimento provocado pelo afastamento social e pelo tratamento médico necessário, mostrando, assim, a importância da brinquedoteca, já que ela permite essa interação.

O ambiente pedagógico ainda pode ser um meio não somente benéfico para as crianças e adolescentes, mas também para os adultos que os acompanham, uma vez que eles, que também sofrem a tensão do tratamento hospitalar, podem ter momentos de distração e ânimo juntos aos pacientes, além de serem recompensados com a felicidade deles, dado que os materiais presentes na brinquedoteca já devem proporcionar essa aquisição de sentimentos positivos. Sendo assim, é importante não somente que exista brinquedos, jogos, livros, pinturas, oficinas e fantasias, mas também que estes elementos atendam o principal objetivo, proporcionar uma melhor qualidade de vida pedagógica aos internos por intermédio de um ambiente lúdico.

Uma simples sala hospitalar pode ser reservada para essas práticas, e, junta ao conhecimento de pedagogos, eles podem fazer total diferença na vida de pessoas que vivem isoladas de suas vidas sociais em busca da cura de suas doenças, que muitas vezes podem durar muitos anos. Em suma, a brinquedoteca se constitui em um ambiente físico com brinquedos e instrumentos variados, o qual tem a finalidade de possibilitar à criança e ao adolescente interação por meio do brinquedo e da perpetuação de uma cultura lúdica.

A presença dos hospitalizados na brinquedoteca dar a chance aos adultos de terem um olhar diferente sobre o desenvolvimento deles, percebendo a interação que eles têm um com os outros. Dessa forma, pode-se dizer que o lúdico é uma necessidade dos humanos, independentemente de suas idades, embora seja na infância que tal processo se torne mais evidente.

É possível afirmar, portanto, que a brinquedoteca instalada em hospitais é um direito fundamental dos enfermos, já que lhes dar a possibilidade de continuidade do seu desenvolvimento físico, motor e psicológico.

5 O BRINCAR E A PEDAGOGIA HOSPITALAR

A educação hospitalar está incluída como educação especial, tendo em vista o atendimento de pacientes que, em virtude de alteração de saúde, estão impossibilitados de ter acesso à escolarização da forma tradicional.

Cardoso (1995, p. 48) destaca que:

Educar significa utilizar práticas pedagógicas que desenvolvam simultaneamente razão, sensação, sentimento e intuição e que estimulem a integração intercultural e a visão planetária das coisas, em nome da paz e da unidade do mundo. Assim, a educação – além de transmitir e construir o saber sistematizado – assume um sentido terapêutico ao despertar no educando uma nova consciência do eu individual para o seu transpessoal.

Dessa forma, o surgimento de uma enfermidade impossibilita a criança e o adolescente de se apresentarem à escola formal, correndo risco de afetar o seu desenvolvimento emocional, escolar e social – o qual, na verdade, já lhe deve ser assegurado. Sendo assim, cabe ao pedagogo utilizar os recursos lúdicos por meio da brinquedoteca, a fim de tentar minimizar o sofrimento do enfermo pelo ensino. Assim, quando o paciente hospitalizado puder retomar a sua rotina comum, não estará em desvantagem comparado aos demais alunos da sala de aula.

Nesse cenário que o pedagogo atua, sua função é mais do que reintegrar o paciente a suas atividades escolares, é também de transformar vidas, concebendo o elo de sistemas entre escola e hospital, que devem caminhar juntos.

Manter-se dentro de uma unidade de saúde por tempo indeterminado não é fácil para ninguém, especialmente para crianças e adolescentes que estão em contato com uma sala da qual lhes causa estranhamento e emoções negativas pelas suas paredes de cores frias, pelos equipamentos médicos, somados aos devidos procedimentos para o tratamento da causa da doença. Procedimentos estes que quase sempre causam dores e mudanças de humor. Acresce a tudo isso, o problema de eles estarem impedidos de realizar as muitas atividades que fazem parte da infância, tal como o brincar, além do afastamento tanto do seu universo social quanto do familiar, não tendo contato com seus afazeres cotidianos e do meio escolar, afazeres estes que são tão importantes nesse ciclo da vida.

Ceccim e Carvalho (1997 apud BATISTA, 2003, p. 27) diz que:

[...] o medo do desconhecido e mundo novo que ela vislumbra quando entra no hospital são experimentados com tal ansiedade que, diante disso, poderá reagir de forma a negar o que lhe assusta, não cooperando com o tratamento, com atitudes reivindicadoras, com agressividade ou até com a total submissão aos procedimentos.

Esse estado, que a criança e o adolescente se encontram em um leito hospitalar, com uma carga grande de estresse e ansiedade, acaba se tornando uma dificuldade para os pais, os quais têm que lidar com o temperamento deles sem terem como intervir, e também para o trabalho médico, que é formulado para interceder na estrutura física do paciente, o que, muitas das vezes, gera uma impossibilidade de saber lidar com o paciente de forma completa, como ser humano com reações para além das físicas, de modo que, mesmo sem ter consciência, acaba colaborando para a degradação do quadro do enfermo.

A visão sobre a Educação Especial ser somente uma sala de aula em funcionamento dentro de um hospital deve ser substituída por uma concepção de que ela é um atendimento essencial, pedagógico e especializado, com diversos objetivos e finalidades que só trarão benefícios para a vida do paciente como um todo, ajudando-o a mudar a visão de que será incapaz de adaptar-se àquela nova vida, dando-lhe esperança de que, depois da doença, será, sim, capaz de continuar total ou parcialmente suas atividades anteriores à enfermidade.

Os hospitais são unidades de tratamento e saúde que, na maioria das vezes, é comparado a um ambiente de dor, tristeza, angústia e morte, e isso é passado desde a infância à criança e ao adolescente, gerando consequências negativas quando eles se encontram em uma unidade médica, afetando, por sua vez, todo o processo de cura física e psicológica. Pode-se dizer, então, que a pedagogia hospitalar não é apenas uma possibilidade educacional, mas também evidência de que satisfaz duas áreas básicas essenciais ao ser humano: saúde e educação.

De acordo com Matos e Mugiatti (2001, p. 31):

Comparativamente, pode-se entender o hospital para a criança/adolescente como um amplo cenário do qual participam os mais diversos atores [...] considerando, portanto, esse valioso elenco participante, vê-se como da mais extrema importância a atuação de todos, quanto às suas respectivas atribuições, pela necessidade de preservação da real qualidade de suas tarefas.

O pedagogo que trabalha em hospitais se depara com a realidade de pessoas que veem seus sonhos e projetos interrompidos, mesmo que provisoriamente, devido ao surgimento de uma doença que impossibilita a criança ou o adolescente de comparecer a escola, correndo o risco de afetar o seu desenvolvimento cognitivo, escolar e social. Dessa forma, cabe ao pedagogo, em conjunto com a equipe pluridisciplinar hospitalar, tentar minimizar o sofrimento do paciente por intermédio do ensino. Assim, quando a criança hospitalizada puder retomar a sua rotina, não estará em desvantagem em relação aos demais alunos da sala de aula convencional.

A pedagogia hospitalar é capaz de promover um elo entre a criança ou adolescente hospitalizado e a sua vida social, prevenindo o fracasso escolar, que, nesses casos, é gerado pelo afastamento da rotina escolar, e integrando o doente no seu novo modo de vida, em uma esfera acolhedora e humanizada.

Muitos estudos demonstram a importância do brincar para o desenvolvimento integral da criança, isto é, nos aspectos cognitivo, motor, social, psicológico e emocional.

Conforme Cunha (1994, p. 11):

Na brincadeira a criança é espontânea e aprende fazendo, sem receios, medo de errar ou estresse, e por consequência adquire prazer em aprender, desenvolvendo-se socialmente, aprende a conviver com o outro respeitosamente e a seguir as regras do grupo. Também adquire o hábito de estar sempre ocupada com algo inteligente e criativo, preparando-se para o futuro dentro dos limites de que sua idade permite. Por fim, ao brincar a criança se fortalece internamente, descobre seus talentos e busca sentido para a vida.

Na brinquedoteca, é possível estimular o desenvolvimento cognitivo e aliviar a dor e o sofrimento, por meio da atenção, do carinho, da diversão, da distração, da elevação da autoestima e da esperança de o paciente retornar a sua vida normal. O brincar e as atividades lúdicas ajudam a criança e o adolescente a liberar emoções reprimidas, na elaboração de conflitos, e a acelerar a recuperação psicomotora e a adaptação às novas situações.

A Brinquedoteca Hospitalar é um dos espaços do hospital no qual o pedagogo atua, destinado ao brincar livre, disponível para crianças, adolescentes e adultos. Ela tem como finalidade possibilitar à criança e ao adolescente o brincar e o interagir sossegados, sem cobranças, além de favorecer o equilíbrio emocional do paciente, ampliar as suas potencialidades, desenvolver os aspectos cognitivos e sociais, promover acesso a um número maior de brinquedos e fortalecer os laços familiares entre a criança ou adolescente e a família, entre outras mais finalidades.

6 RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Durante as pesquisas bibliográficas, encontraram-se, na matéria de jornal Projeto de Lei cria programa de pedagogia hospitalar em Aracaju, de Álvaro Müller, dois depoimentos, uma de uma mãe e outra, de uma paciente/aluna, que mostraram, em suas narrativas, a preocupação em relação ao tempo de internação e tratamento que , conseqüentemente, não tendo previsão da volta à rotina escolar formal, havendo um atraso na aprendizagem e estudos.

No primeiro depoimento, a mãe do paciente Vinicius, a doméstica Vânia Maria dos Santos, de 54 anos, mostra-se revoltada com o descaso do governo em relação aos investimentos em saúde: “Sobra dinheiro para trazer cantor de fora, fazer folia e a saúde fica para trás”[i]. O filho da entrevistada teve sua série escolar bastante atrasada devido o tempo de internamento e falta de atendimento educacional.

No segundo depoimento, a paciente Yasmin Sabrina dos Santos Monteiro, de 13 anos, impedida pela enfermidade de ter uma rotina normal de estudos escolares, relata o sentimento de saudade da escola:

Sinto falta dos professores, dos alunos, dos meus amigos, de tudo. Fico pensando como serão as provas, se vou conseguir recuperar os assuntos e acompanhar meus colegas. Quero continuar na mesma turma.[ii]

Com isso, percebe-se que a mãe do paciente sente bastante necessidade de atendimento hospitalar

para seu filho, quando o mesmo não é disponibilizado nos hospital, apesar de ser assegurado em lei.

Educação na classe hospitalar não se trata apenas em preparar o paciente/aluno para o retorno à escola mediante ao prosseguimento dos estudos regulares, mas objetiva também a completa reintegração do aluno enquanto sujeito que necessita de cuidados especiais.

Em entrevista com o vereador Lucas Aribé, buscaram-se informações sobre o projeto de lei de sua autoria, a saber, a Lei nº 101/2018, que ele deu início com o objetivo de instituir o programa Atendimento Pedagógico Hospitalar Humanizado para crianças, adolescentes e adultos hospitalizados, que precisam continuar os estudos, no âmbito do Município de Aracaju, em unidades conveniadas ao SUS[iii].

O vereador Aribé (2018), em entrevista a Álvaro Müller, afirmou:

Queremos que essas pessoas tenham o direito de continuar estudando. Para isso, de acordo com o projeto, o município precisará definir parâmetros para atender as necessidades do educando hospitalizado; oferecer suporte pedagógico e buscar alternativas para desenvolver as habilidades dos alunos, bem como promover a integração deles em suas atividades escolares.

Compreende-se, assim, que há o reconhecimento da necessidade de atendimento pedagógico nos hospitais, apesar deste não se mostrar presente nas situações de internamento hospitalar.

Aribé (2018) explica como funcionaria o referido programa:

De acordo com o projeto de lei, o programa deve ser implementado por meio de uma parceria entre as secretarias municipais de Educação e de Saúde de Aracaju. Em cada hospital participante, deve-se haver pelo menos um pedagogo capacitado em programa educacional de inclusão do Ministério da Educação. O educador desenvolverá atividades curriculares para os estudantes impossibilitados de frequentar a escola.

Como complemento, afirma que o projeto de lei não representaria custos para Prefeitura de Aracaju:

O pedagogo hospitalar pode ser algum profissional que já trabalhe na rede municipal. Vários professores têm especialização na área ou cursaram a disciplina Pedagogia Hospitalar na graduação. Eles podem ser direcionados para as unidades de saúde. Além disso, é necessário um profissional responsável pelo projeto pedagógico. A partir daí, a equipe multidisciplinar já existente e que assiste ao paciente – assistente social, psicólogo, enfermeiro, entre outros – pode contratar estagiários, fazer parceria com universidades. Ganham os profissionais, os estagiários e, sobretudo, os pacientes. (ARIBÉ, 2018)

Sendo assim, de acordo com a afirmativa do vereador, pode-se dizer que o maior problema para a falta de atendimento pedagógico hospitalar não se resume a parte financeira.

Aribé[iv] ainda acrescenta que tirou do projeto o atendimento em serviço domiciliar, para não haver alegação de que iria gerar despesas, que seria institucional e que conseguiu a parceria com a Unit para poder ceder estagiários, pedagogos para estar à frente do projeto. Mas, mesmo assim, foi alegado pela câmara a institucionalidade. O vereador afirma que o projeto, com muita dificuldade.

chegou a ser aprovado pelo o Plenário. Contudo, embora Aribé garantindo que o projeto só seria executado com dotação orçamentária, posteriormente em seguida o Prefeito vetou, alegando. Foi alegado a geração de despesas, despesas estas que não foram orçadas, mas Aribé garantiu que o projeto só seria executado com dotação orçamentária. A respeito disso, o vereador, pondera e acrescenta: “ O projeto foi de autoria de vereador de oposição e esse é um dos motivos pra ele [o prefeito] ter barrado” (Informação verbal)[v]

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho da pedagogia em ambientes não formais ainda é uma vertente pouco mencionada. Muitas pessoas não têm conhecimento da primordialidade da contribuição desse profissional na área de saúde e da importância que as práticas pedagógicas exercem na vida da criança e do adolescente/paciente.

A presença do método educativo em espaços hospitalares é um direito definido por lei para crianças e adolescentes hospitalizados que não têm capacidade nem condições de estar participando da educação formal, a qual é a função da escola. Por meio da pedagogia hospitalar, pacientes que possuem escolaridade não são prejudicados pela sua permanência em centros de saúde e internação. A educação especial juntamente com a brinquedoteca é um ganho para a sociedade, mas que ainda carece de maior reconhecimento do Poder Público e da população para que possa cobrar seus direitos.

Os resultados do presente estudo mostram que há políticas públicas voltadas para o exercício da pedagogia hospitalar e que esta é uma modalidade de ensino reconhecida pelo o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Especial, regulamentada pela legislação vigente e pelos documentos orientadores oficiais. Entretanto, dar-se a impressão que tudo isso só consta no papel, dado à existência de muitos centros de saúde sem a presença da Pedagogia e do pedagogo.

O sistema não supre a necessidade total que o paciente tem, ofertando somente a assistência médica. Além disso, a população não tem conhecimento dos seus direitos, conseqüentemente, não os cobra, passando despercebido a falta de assistência completa que o governo deveria prestar para a sociedade.

Devido à importância do pedagogo hospitalar na reintegração da criança e do adolescente hospitalizado no meio escolar e social, ressalta-se a necessidade no aprofundamento de discussões e pesquisas que envolvam essa temática, a fim que se possa divulgar essa modalidade de ensino tão necessária às crianças, aos adolescentes e à sociedade em geral.

Distinguir que a brinquedoteca não é um espaço qualquer, mas sim um ambiente acolhedor, que, por intermédio das brincadeiras, traz uma formação e desenvolvimento na aprendizagem dos alunos que ali se encontram, pois, por meio das brincadeiras e atividades lúdicas, a criança e o adolescente aprendem e se desenvolvem de forma lúdica. O pedagogo pode usar a brinquedoteca como um recurso para dar continuidade ao ensino, fazendo brincadeiras e jogos, conforme o que eles estão aprendendo, assim fica mais fácil para os alunos adquirirem o conhecimento preciso, construindo, por meio do brincar, aprendizagens e habilidades, além de ter um momento em que possam relaxar, brincar, divertir-se, socializar, criar, inventar, esquecer os problemas e a doença, aprender, comunicar-se, expressar-se, criar noção de mundo, espaço e tempo.

Referências

ARIBÉ, lucas. Projeto de lei cria programa de Pedagogia hospitalar em Aracaju. [Entrevista concedida a] Álvaro Müller. **Portal Vereador Lucas Aribé**, Aracaju, 28 de março de 2018. Disponível em: <https://lucasaribe.com.br/leitura/3158/equipe>. Acesso em: 14 de ago. de 2020.

BEZERRA, Raquel. Projeto de lei cria programa de Pedagogia hospitalar em Aracaju. [Entrevista concedida a] Álvaro Müller. **Portal Vereador Lucas Aribé**, Aracaju, 28 de março de 2018. Disponível em: <https://lucasaribe.com.br/leitura/3158/equipe>. Acesso em: 14 de ago. de 2020.

BRASIL. LEI Nº 13.716, DE 24 DE SETEMBRO DE 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) [...]. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, p. 2, 25 set. 2018 (Publicação Original).

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguelli. **Uma visão de holística de educação**. São Paulo: Summus, 1995.

CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo Roberto Antonacci. **Criança Hospitalizada: atenção integral como escuta a vida**. Porto Alegre/RS: Editora UFRGS, 1997.

CONANDA. Resolução nº 41, de 17 de outubro de 1995. Dispõe sobre os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. **Diário Oficial da União**. Brasília, Seção I, p. 16319-16320, 1995.

CUNHA, N. H. da S. **Brinquedo, desafio e descoberta: subsídios para utilização e confecção de brinquedos**. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

CUNHA, N. H. da S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 4ªed., São Paulo: aquariana, 2007.

MATOS, Mel; MUGGIATI, F. T. M. **Pedagogia Hospitalar**. Curitiba: Champagnat, 2001.

MULLER, Álvaro. Projeto de lei cria programa de pedagogia hospitalar em Aracaju. **Portal Vereador Lucas Aribé**, Aracaju, 28 de março de 2018. Disponível em: <https://lucasaribe.com.br/leitura/3158/equipe>. Acesso em: 14 ago. 2020.

[1] MULLER, Álvaro. Projeto de lei cria programa de pedagogia hospitalar em Aracaju. **Portal Vereador Lucas Aribé**, Aracaju, 28 de março de 2018. Disponível em: <https://lucasaribe.com.br/leitura/3158/equipe>. Acesso em: 14 ago. 2020.

[2] Ibidem, 2018.

[3] Idem, 2018.

[4] Informações extraídas da entrevista de Lucas Aribé concedida a autora do presente artigo no ano de 2020, no gabinete do vereador, em Aracaju/SE.

[5] Informações extraídas da entrevista de Lucas Aribé concedida a autora do presente artigo no ano de 2020, no gabinete do vereador, em Aracaju/SE.

*Graduanda do 3º período no curso de pedagogia, integrante do grupo de pesquisa RESSALT, Universidade Federal de Sergipe, rai.santos1798@gmail.com.

**Graduanda do 5º período no curso de pedagogia, integrante do grupo de pesquisa RESSALT, Universidade Federal de Sergipe, keillaandrade01@gmail.com.

*** Graduanda do 5º período no curso de pedagogia, integrante do grupo de pesquisa RESSALT, Universidade Federal de Sergipe, carvalhoLuiza158@gmail.com